



+2.33%
30 Dec

Análise Apex-Brasil
CONJUNTURA & ESTRATÉGIA

Julho 2009



10
21
122
28 640
130 585



11 701
25



AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



Alessandro G. Teixeira
Presidente Da Apex-Brasil

Maurício Borges
Diretor de Negócios

Ricardo Schaefer
Diretor de Gestão e Planejamento

Marcos Lélis
Coordenador da Unidade de Inteligência Comercial e Competitiva (UICC)

IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA SOBRE AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: UMA MEDIDA DAS PERDAS REAIS DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2009

Autores:

Marcos Lélis

*Coordenador da Unidade de Inteligência
Comercial e Competitiva (UICC)*

Kellen Fraga

*Assessora do Núcleo de Análise Econômica
e Inteligência em Investimentos*

Manuela Lima

*Assistente do Núcleo de Análise Econômica
e Inteligência em Investimentos*

INTRODUÇÃO

A crise econômica internacional, compreendida inicialmente por sua natureza financeira e posteriormente dimensionada à esfera da produção, apresentou dois momentos distintos durante sua evolução e eclosão. A “primeira fase” constituiu-se de perdas de bancos, corretoras e companhias imobiliárias internacionais em mais de US\$ 70 bilhões no segundo semestre de 2007, associadas ao mercado de crédito *subprime* estadunidense. Os *subprimes* incluíam desde empréstimos no mercado hipotecário até financiamentos de cartão de crédito para clientes sem comprovação de renda e com um histórico pouco confiável de crédito. Nesse momento, acreditava-se que os efeitos do estresse financeiro sobre a economia real ficariam restritos aos países desenvolvidos da América do Norte e da Europa, e ao Japão, pois nesse período foram realizadas as primeiras medidas de auxílio à liquidez das instituições financeiras em dificuldade.

Em agosto de 2008, a crise financeira internacional entra em sua “segunda fase”, de efeitos mais aprofundados. A crise passa a apresentar uma abrangência sistêmica, ao colapsar os mercados mundiais de crédito. Marcaram esse período a estatização de duas grandes empresas que operavam no mercado de empréstimos pessoais e hipotecas, o pedido de concordata do Lehman Brothers, a venda do Merrill Lynch para o Bank of America e, em 17 de setembro de 2008, a concessão de empréstimo de US\$ 85 bilhões do Federal Reserve para a AIG. Dada a dimensão desses acontecimentos, tornou-se evidente que a crise atingiria também as economias em desenvolvimento, assim como não se limitaria apenas ao setor financeiro. Dessa forma, um dos impactos iniciais da “segunda fase” constituiu-se na mudança de percepção dos investidores internacionais quanto à valorização de ativos de maior liquidez (*commodities*), que tiveram naquele período um crescimento substancial em seus preços. Não menos expressivas foram as implicações da crise sobre os indicadores de desempenho da economia real no último trimestre de 2008, registrando-se quedas significativas na previsão do Produto Interno Bruto (PIB), na produção industrial¹ e no nível de emprego, principalmente.

¹ A queda na produção industrial foi acompanhada por uma elevação na taxa de desemprego. No Brasil, a deterioração das relações de trabalho refletiu um aumento nas demissões: a taxa de desemprego passou de 8,1% em janeiro de 2008 para 8,8% em maio de 2009.

Ao se verificar a evolução das previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o comportamento do PIB da economia mundial, países desenvolvidos e em desenvolvimento e emergentes, nota-se uma rápida deterioração da projeção de crescimento, sinalizando a exata dimensão da mudança de expectativa gerada com a expansão da crise. Nesse sentido, as previsões do PIB nas economias desenvolvidas, realizadas em janeiro de 2009, apontam para uma queda de 2,0%, sendo que em abril essa taxa alcança uma retração de 3,8%. Além disso, a alteração nas previsões de crescimento das economias desenvolvidas para o ano corrente, entre outubro de 2008 (ainda sob as convicções da “primeira fase” da crise) e abril de 2009, sofreu uma mudança negativa de mais de 4,2%. Por conseqüência, em janeiro de 2009, esperava-se uma retração da renda na Zona do Euro de 0,5%. Esse mesmo indicador em abril é anunciado como um declínio de 4,2%. Ao se considerar o mesmo indicador para a economia dos Estados Unidos e as duas datas de lançamento das previsões para 2009, já apontadas, tem-se na primeira data uma queda de 1,6% e, na segunda, um declínio de 2,8%.

Mais impactantes são as modificações nos prognósticos de crescimento econômico deliberados às economias emergentes e em desenvolvimento. Em janeiro de 2009, prevê-se um crescimento econômico de 3,3% para esses mercados. Já em abril de 2009, essa mesma previsão é de uma suave elevação de apenas 1,6% no dinamismo econômico. Novamente, a expectativa do panorama econômico para o ano de 2009 altera-se: tem-se uma queda de mais de 4,5% entre outubro de 2008 e abril de 2009. Tornava-se evidente, portanto, que a crise econômica havia se aprofundado e atingido também os países não-centrais.

Tabela 1: Previsão para a taxa de crescimento do PIB de países selecionados para 2009

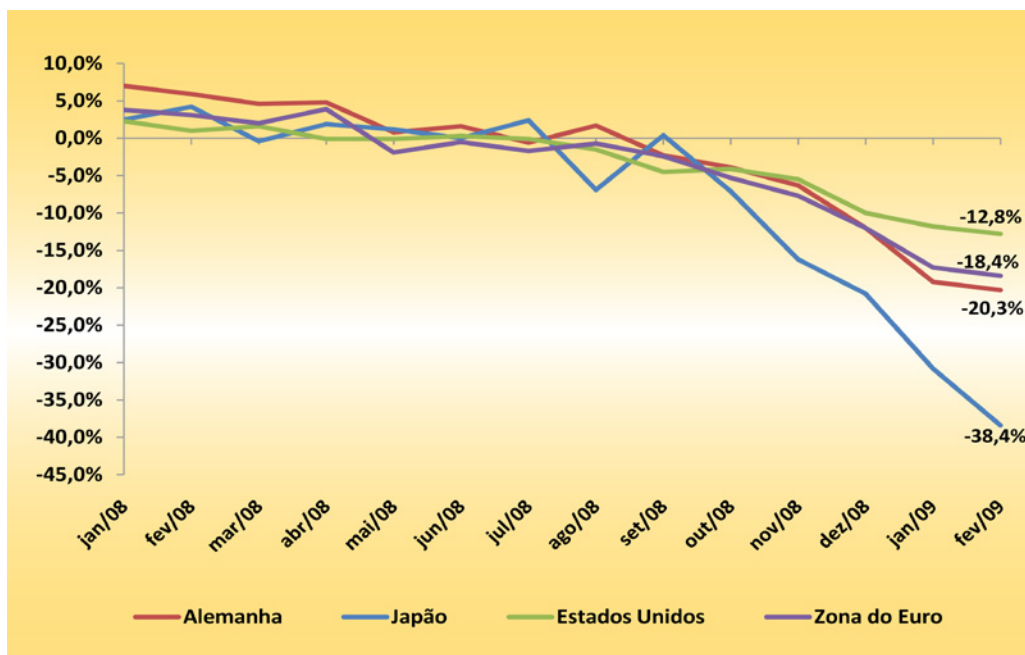
Previsão para Produto Interno Bruto	EM OUT/08	EM JAN/09	EM ABR/09
Mundo	3,0%	0,5%	-1,3%
Economias Desenvolvidas	0,5%	-2,0%	-3,8%
Zona do Euro	1,2%	-0,5%	-4,2%
EUA	0,1%	-1,6%	-2,8%
Japão	0,5%	-2,6%	-6,2%
Emergentes e em Desenvolvimento	6,1%	3,3%	1,6%
Rússia	5,5%	-0,7%	-6,0%
China	9,3%	6,7%	6,5%
Índia	6,9%	5,1%	4,5%
Brasil	3,5%	1,8%	-1,3%
México	1,8%	-0,3%	-3,7%

Fonte: FMI.

O setor real passou a responder ao agravamento da crise econômica internacional por meio de uma retração profunda na produção industrial, pois seu desempenho está diretamente atrelado ao preço de insumos e produtos importados, determinados no mercado internacional. Observando-se o ritmo de crescimento da produção industrial nas principais economias desenvolvidas, é evidente uma desaceleração a partir de janeiro de 2008.

No entanto, o agravamento da crise econômica mundial no segundo semestre de 2008 atingiu seriamente os setores produtivos na Alemanha, Japão, Estados Unidos e Zona do Euro, contraindo significativamente a produção da indústria – em média, de julho a dezembro de 2008, houve queda de mais de 8,4% ao mês no Japão, 5,0% na Zona do Euro, 4,3% nos Estados Unidos e 4,0% na Alemanha². Nos dois primeiros meses de 2009, o efeito contágio da crise internacional, verificado no último trimestre de 2008, regrediu as expectativas de recuperação da economia mundial. A resposta da indústria foi uma redução brusca na produção mensal de janeiro e fevereiro de 2009 da ordem de 34,7%, em média, no Japão, 19,8% na Alemanha, 17,9% na Zona do Euro e 12,3% nos Estados Unidos.

Gráfico 1: Produção industrial de países selecionados (variação anual) – janeiro 2008 a março 2009

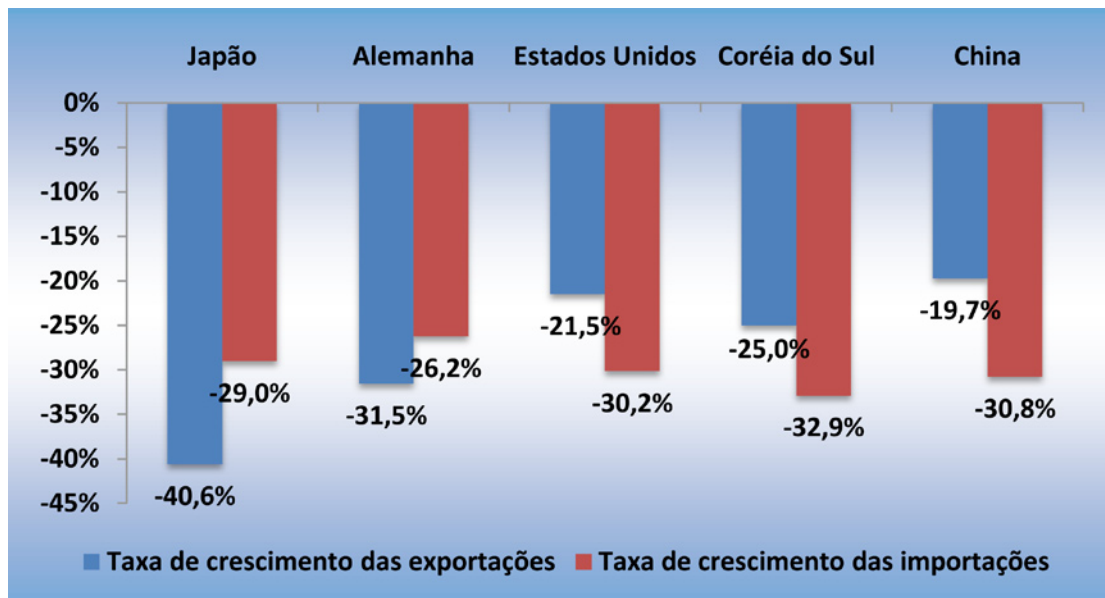


Fonte: Ipeadata.

² Em relação ao mesmo período do ano anterior.

No âmbito do comércio mundial, o período de aprofundamento da crise agravou o intercâmbio comercial em nível internacional³, já comprometido pela formação de expectativas pessimistas quanto à duração da crise internacional. Esse quadro recessivo reduziu o valor tanto das exportações quanto das importações, principalmente das economias desenvolvidas, como pode ser verificado no gráfico 2.

Gráfico 2: Taxa de crescimento das exportações e importações de países selecionados 1º Trimestre 2009 em relação ao 1º Trimestre 2008



Fonte: Global Trade Information Services (GTIS).

A contração das exportações e importações de economias desenvolvidas como Japão, Alemanha e Estados Unidos mostrou-se significativa no primeiro trimestre de 2009, quando analisada em relação ao mesmo período de 2008. A redução de 40,6% nas exportações totais do Japão, de 31,5% nas exportações totais da Alemanha e de 21,5% nos Estados Unidos foram intensificadas pela queda nas vendas externas de veículos automotivos, atingindo, respectivamente, uma taxa de -60,7%, -48,4% e -42,0%, no período⁴. Diferentemente na Coreia do Sul e na China, economias consideradas emergentes, a retração de 25,0% e de 19,7%, respectivamente, das exportações totais no primeiro trimestre de 2009 foram puxadas pela queda nas vendas

³ A Organização Mundial do Comércio (OMC) prevê uma queda de 9,0% no comércio mundial em 2009. Em termos de volume, as exportações das economias desenvolvidas cairão 14,0% e dos países emergentes, 7,0%.

⁴ Esse setor representou no primeiro trimestre de 2009 mais de 15,2%, 13,8%, e 6,3% do total da pauta exportadora desses países.

externas de máquinas e materiais elétricos. Na Coreia do Sul, as exportações desses setores contraíram-se 29,6% e na China, 24,0% no primeiro trimestre de 2009⁵.

As importações totais da Alemanha, Japão, Estados Unidos, Coreia do Sul e China reduziram-se em cerca de 30,0% no primeiro trimestre de 2009 em comparação com o primeiro trimestre de 2008. Em todos esses países, o principal corte nas importações ocorreu em combustíveis (petróleo), independentemente da condição de dependência do produto. Isto é, na Coreia do Sul, a importação de combustíveis representou 31,7% do total das compras externas do país no primeiro trimestre de 2009 e reduziu-se a taxa de 33,7% nesse período; no Japão, essa importação significou 27,7% do total importado e reduziu-se a taxa de 42,2%; na Alemanha, a importação de combustíveis representou 11,8% do total importado e caiu, aproximadamente, a taxa de 35,7%. Por fim, nos Estados Unidos e na China verificaram-se as maiores reduções no valor importado de combustíveis (petróleo) no primeiro trimestre de 2009 em relação aos demais países selecionados: queda a taxa de -52,2% e -52,6%, respectivamente. Essa importação representou 15,2% do total das compras externas dos Estados Unidos e 9,9% das importações da China no referido período.

A redução nas exportações constituiu-se em um dos canais de transmissão mais diretos da crise mundial também à economia brasileira, pois esta reflete os impactos de dois dos três fatores determinantes da conjuntura de crise – a contração da renda e da demanda mundial e queda nos preços internacionais. A redução significativa nos preços das *commodities* provocou a retração das vendas externas brasileiras após a “primeira fase” da crise, no segundo semestre de 2007. Já a retração da demanda mundial, além de restringir as exportações brasileiras, gerou a deterioração das previsões de crescimento do Brasil neste mesmo período.

Em termos da economia doméstica, a redução da liquidez internacional manifestada sob a forma de escassez de crédito, outro mecanismo de transmissão determinante da crise econômica, foi suprida, parcialmente, pela elevação da oferta de crédito interno⁶, pelo corte nas taxas de juros pelo Banco Central e por uma política

⁵ O setor representou 23,9% do total das exportações da Coreia do Sul e 23,0% do total das exportações chinesas no primeiro trimestre de 2009.

⁶ Face da crise econômica internacional, a fragilidade dos bancos comerciais e o redirecionamento das operações de crédito para o mercado financeiro doméstico, que elevou o custo da captação de recursos no País, motivaram a adoção de medidas do governo para a ampliação da liquidez. Para a descrição dessas medidas, acessar www.bcb.gov.br.

fiscal expansionista, de modo a tentar manter aquecido o mercado doméstico.

Apesar da adoção dessas medidas no mercado interno, os efeitos do setor externo parecem prevalecer, ao determinarem uma recuperação lenta e gradual da atividade econômica do País. Isto porque os impactos da crise internacional sobre a economia real seriam considerados irreversíveis em médio prazo.

Medindo as perdas reais das exportações brasileiras na segunda fase da crise

Tendo em vista que o resultado do setor externo condiciona o desempenho da economia brasileira, cabe mensurar os impactos da crise internacional efetivamente gerados sobre o comportamento das exportações brasileiras. Nesse sentido, as análises aqui apresentadas dividem-se em duas etapas: na primeira busca-se identificar o momento em que os efeitos da crise internacional impactaram o comportamento das exportações brasileiras⁷. Num segundo momento, será projetado o comportamento das exportações brasileiras sem a interferência dos efeitos da crise econômica⁸. A comparação das exportações observadas e das exportações projetadas sem o contexto da crise permite quantificar as reais perdas conferidas à queda das exportações brasileiras. Ou seja, a análise da tendência das exportações nos cenários com e sem crise econômica internacional possibilitará calcular o quanto o Brasil deixou de exportar devido aos efeitos negativos da conjuntura mundial e, portanto, visualizar as condições de crescimento em que a economia brasileira se encontraria.

A fim de mensurar os efeitos da crise econômica internacional sobre a dinâmica de crescimento das exportações brasileiras, faz-se necessário verificar se houve modificações significativas no comportamento das vendas externas nos últimos meses. O fraco desempenho comercial brasileiro nos primeiros meses de 2009, devido aos impactos da crise internacional, ocorreu muito provavelmente pela conjunção de vários fatores que dificilmente se repetirão com a mesma intensidade nos próximos meses, pois o perío-

⁷ Para tal, observam-se o crescimento do valor exportado e do movimento tendencial das vendas externas nos primeiros meses que sucederam à crise internacional.

⁸ A conjuntura externa antes da crise foi marcada por uma elevação artificial do preço das commodities, fenômeno revertido posteriormente. Concomitantemente, as exportações brasileiras foram impactadas pela paralisação dos auditores fiscais aduaneiros nos meses de março e abril de 2008, o que retardou as operações nos portos e aeroportos do país.

do crítico de aprofundamento da conjuntura negativa parece ter sido superado⁹. Deste modo, não se pode projetar o comportamento das exportações brasileiras tendo por base somente os meses do ano de 2008.

A análise a ser realizada, portanto, não se restringe ao acompanhamento do valor exportado pelo País a partir da explosão da crise, mas requer a avaliação da série histórica das exportações brasileiras. Para compreender se seus movimentos recentes refletem mudanças conjunturais ou estruturais, utiliza-se um modelo econométrico de análise e previsão do comportamento das exportações brasileiras¹⁰. Tal modelo permite apurar os movimentos tendencial, sazonal, cíclico e de irregularidade, característicos da evolução das exportações ao longo do tempo.

Sabendo-se que as flutuações cíclicas são perceptíveis somente no comportamento de longo prazo das séries, este componente mostra-se pouco representativo para o comportamento das exportações brasileiras. Isto porque se definiu o período que se estende de janeiro de 2002 a junho de 2009 como o de maior relevância para a análise das exportações brasileiras, já que abrange o período recente do desempenho comercial brasileiro. Ademais, ao se controlar os efeitos do padrão sazonal intrínseco ao comportamento das vendas externas do Brasil nos doze meses do ano, pressupõe-se que o movimento de tendência de crescimento das exportações, bem como os choques que as atingem, tornam-se os componentes explicativos do seu real comportamento.

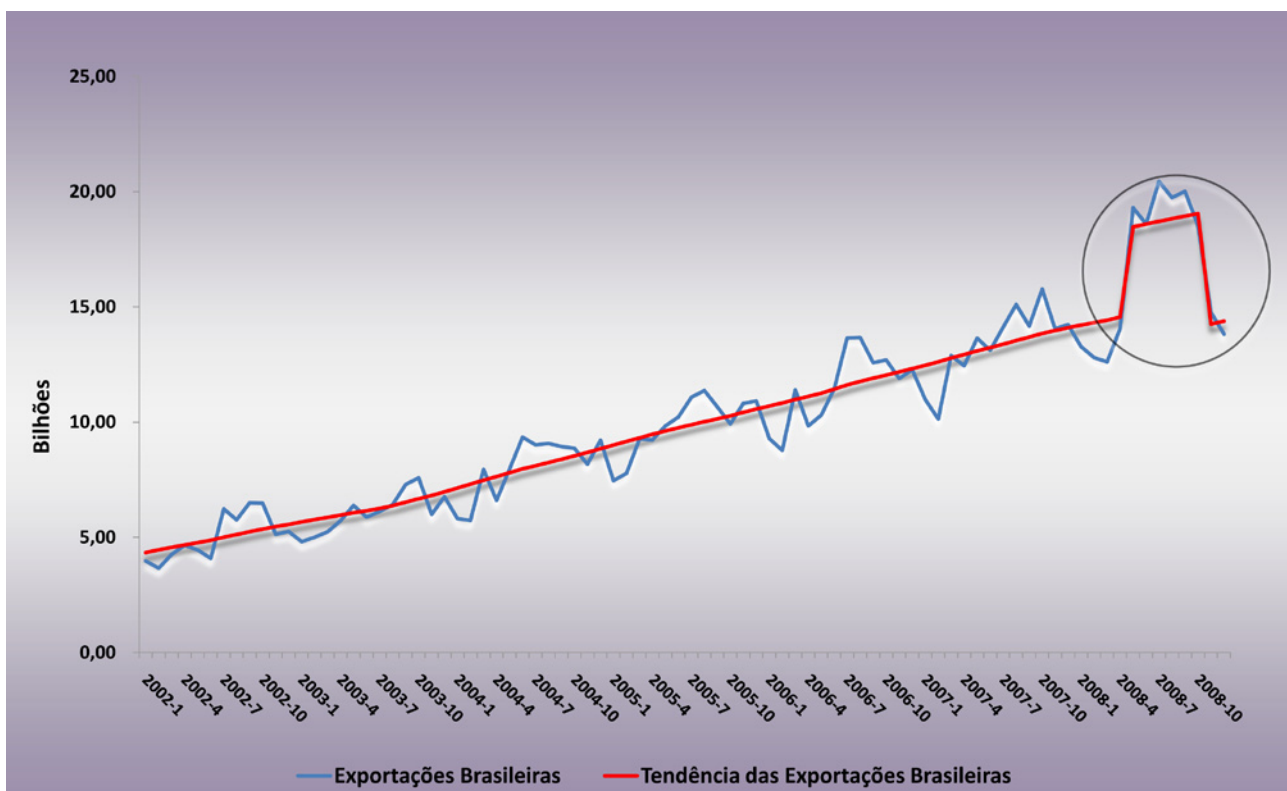
Realizados os ajustes anteriormente comentados para a melhor avaliação do comportamento das exportações brasileiras, apresenta-se no gráfico 3 o valor exportado mensalmente pelo Brasil, entre janeiro de 2002 e dezembro de 2008, juntamente com a tendência desse comportamento no tempo. Ressalta-se que a compreensão do componente tendencial exprime os movimentos de longo prazo estimados para as exportações brasileiras. Como os efeitos da crise manifestam-se em escala global a partir do período que elucida o seu aprofundamento, isto é, no segundo semestre de 2008, a análise da tendência das exportações brasileiras

⁹ Conforme explicações anteriores, este período foi caracterizado principalmente pela deterioração de expectativas e aumento da incerteza global, restrições ao crédito e queda acentuada no comércio mundial.

¹⁰ Utilizou-se o modelo de séries de tempo estrutural univariado, pelo qual se decompõem as séries econômicas em seus componentes não observáveis mais elementares, quais sejam, tendência, sazonalidade, ciclo e irregularidades (choques). Para o entendimento destes modelos, ver Harvey (1990): *Forecasting, Structural Time Series Models and the Kalman Filter*.

inicia-se em janeiro de 2002 e se estende até dezembro de 2008. Justifica-se que os meses iniciais do ano de 2009, não computados nesta etapa, serão projetados com base no comportamento da tendência verificada no período 2002 a 2008, devido aos efeitos evidentes da crise internacional sobre o comportamento das vendas externas do Brasil.

Gráfico 3: Exportações brasileiras e tendência das exportações brasileiras – janeiro 2002 a dezembro 2008



Fonte: Mdic/Secex. Elaboração Apex-Brasil.

Observando-se o comportamento das exportações brasileiras e a tendência estimada entre janeiro de 2002 e dezembro de 2008, nota-se que as vendas externas brasileiras apresentaram uma tendência positiva e constante de crescimento, a exceção do período conturbado pela crise (área destacada – maio a dezembro de 2008). Durante a “primeira fase” da crise internacional (segundo semestre de 2007 ao segundo semestre de 2008), restrita ao sistema financeiro de países desenvolvidos, o valor das exportações brasileiras elevou-se, em média, 34,6% ao mês, entre maio e novembro de 2008, comparando-se com o mesmo período do ano anterior. Esse movimento refletiu o comportamento da tendência

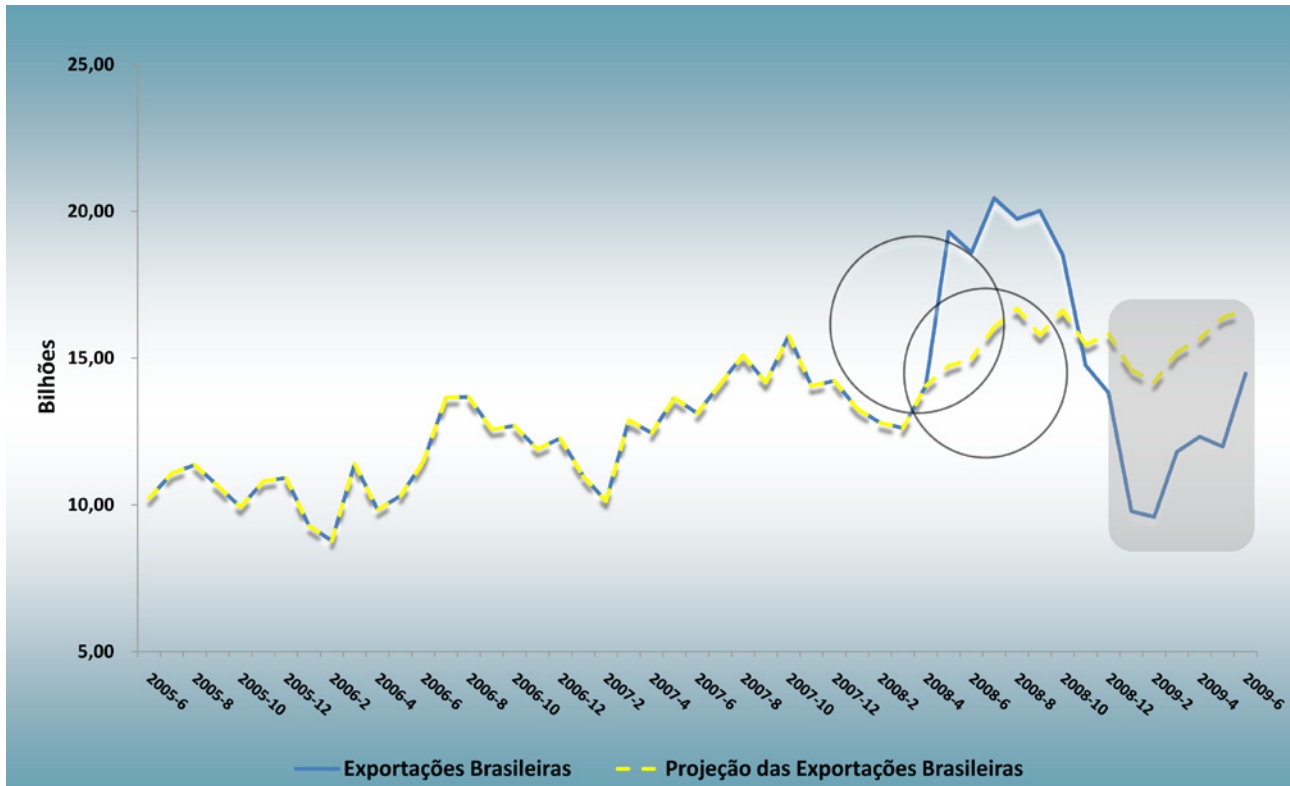
das exportações, que apresentou uma quebra de nível em maio de 2008, quando essa se elevou em mais de 41,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Cabe esclarecer que o valor das exportações brasileiras em maio de 2008 parece ter sido superestimado pela combinação de dois movimentos: (i) alta no preço das *commodities*, como resultado da mudança de percepção dos investidores internacionais quanto ao rendimento dos ativos financeiros, que passaram a ser negativos durante o aprofundamento da crise (último trimestre de 2008), e (ii) defasagem na regularização de embarques de mercadorias não registrados em março e abril de 2008, como decorrência da operação-padrão dos auditores fiscais aduaneiros nesse período.

A “segunda fase” da crise econômica atingiu as exportações brasileiras precisamente em novembro de 2008, mês em que houve novamente uma quebra no nível da tendência das exportações – esta apresentou uma queda acentuada no patamar de crescimento até então verificado. Em outras palavras, o movimento tendencial das vendas externas brasileiras indicou uma elevação no seu comportamento muito abaixo do ritmo de crescimento verificado anteriormente – a tendência das exportações cresceu somente 2,0% em novembro de 2008, ao comparar-se com o resultado de novembro de 2007.

Diante das explicações para as quebras no movimento tendencial das exportações brasileiras, verificadas nos meses de maio e novembro de 2008, percebe-se que estas se originaram de eventos circunstanciais. Por esse motivo, desconsidera-se o período entre esses meses na próxima etapa do exercício, para que a projeção das exportações do ano de 2009 torne-se mais precisa. Uma medida dos efeitos da crise será obtida, portanto, comparando-se o **valor observado** das exportações com o seu **valor projetado** sem a influência dos referidos eventos. Tais afirmações podem ser visualizadas no gráfico 4.

Gráfico 4: Exportações brasileiras e projeção das exportações brasileiras - janeiro 2002 a junho 2009



Fonte: Mdic/Secex. Elaboração Apex-Brasil.

Analisando-se a projeção realizada para as exportações brasileiras no período que se estende de maio de 2008 a junho de 2009, percebe-se que essa difere em muito do valor das exportações. Isso porque a trajetória da série das exportações projetadas segue o padrão do comportamento das exportações, quando analisado somente até abril de 2008, antes da primeira quebra de tendência da série, em maio de 2008.

Desta forma, o resultado observado das exportações brasileiras no primeiro semestre de 2009, que indica uma queda de 22,8% em relação ao mesmo período do ano anterior, pode ser novamente calculado com base na série da projeção das exportações. Assim, a comparação do valor observado das exportações no primeiro semestre de 2009 em relação ao valor projetado para o primeiro semestre de 2008 – período sem as interferências da crise mundial – **revela uma retração da ordem de 15,2% nas vendas externas**. Com base nas discussões já apresentadas, pode-se interpretar tal resultado como o desempenho das exportações brasileiras de janeiro a junho de 2009 em relação ao mesmo período de 2008, desconsiderando-se os eventos circunstanciais que marcaram o período que acompanhou a primeira fase da crise internacional: o contexto da supervalorização

dos preços das *commodities* e a paralisação dos auditores fiscais aduaneiros no Brasil.

Entretanto, ao comparar-se o resultado observado e projetado das exportações no primeiro semestre de 2009, **estima-se uma perda da ordem de 24,5% nas vendas externas do País, ou seja, US\$ 22,7 bilhões**. Devido ao aprofundamento da crise econômica mundial, que agravou o comércio mundial a partir do segundo semestre de 2008, e apresentou efeitos negativos sobre o desempenho das exportações brasileiras a partir de novembro de 2008¹¹, essa representa uma medida dos impactos da crise econômica internacional sobre o comportamento das exportações brasileiras no primeiro semestre de 2009.

De forma semelhante, calcula-se uma taxa aproximada para a perda das exportações brasileiras em junho de 2009. Para isso, mede-se o desempenho das exportações brasileiras observadas no mês de junho de 2009 em relação ao valor projetado para junho de 2008. O resultado revela que, diferentemente de uma redução de 22,2% nas exportações observadas em junho de 2009 em relação ao valor observado de junho de 2008, **verificou-se uma queda de apenas 3,4%, considerando-se a projeção para junho de 2008**. Essa redução nas exportações de junho de 2009 novamente decorre de uma avaliação baseada no comportamento tendencial das exportações de junho de 2008, livre de qualquer interferência da crise econômica internacional. A medida para as perdas reais das exportações brasileiras em junho de 2009, quando se confrontam os valores exportados observados e projetados em junho de 2009, **confere uma redução de 13,0% ou US\$ 2,1 bilhões nas vendas externas do Brasil em junho de 2009** em relação ao seu comportamento observado.

Tendo como referência a metodologia adotada para mensurar os valores observados e projetados para o comportamento das exportações brasileiras, apresentam-se um quadro resumo com os principais resultados: em valores e em taxas.

¹¹ Este mês refere-se ao período de queda no nível da tendência das exportações, que passou a apresentar um patamar menor, conforme explicitado no gráfico 4.

Quadro 1: Efeitos da crise internacional sobre as exportações brasileiras – principais resultados

Valores Semestrais		Desempenho Semestral das Exportações Brasileiras	
Sem/08 (observado)	US\$ 90,6 bi		
Sem/08 (projetado)	US\$ 82,5 bi	Sem/08 (observado) contra Sem/09 (observado)	-22,8%
Sem/09 (observado)	US\$ 69,9 bi	Sem/08 (projetado) contra Sem/09 (observado)	-15,2%
Sem/09 (projetado)	US\$ 92,6 bi	Sem/09 (projetado) contra Sem/09 (observado)	-24,5%
Valores Bimestrais		Desempenho Bimestral das Exportações Brasileiras	
Mai/Jun 08 (observado)	US\$ 37,9 bi		
Mai/Jun 08 (projetado)	US\$ 29,7 bi	Mai/Jun 08 (observado) contra Mai/Jun 09 (observado)	-30,2%
Mai/Jun 09 (observado)	US\$ 24,4 bi	Mai/Jun 08 (projetado) contra Mai/Jun 09 (observado)	-11,1%
Mai/Jun 09 (projetado)	US\$ 33,0 bi	Mai/Jun 09 (projetado) contra Mai/Jun 09 (observado)	-19,8%
Valores Mensais		Desempenho Mensal das Exportações Brasileiras	
Jun/08 (observado)	US\$ 18,6 bi		
Jun/08 (projetado)	US\$ 14,9 bi	Jun/08 (observado) contra Jun/09 (observado)	-22,2%
Jun/09 (observado)	US\$ 14,5 bi	Jun/08 (projetado) contra Jun/09 (observado)	-3,4%
Jun/09 (projetado)	US\$ 16,6 bi	Jun/09 (projetado) contra Jun/09 (observado)	-13,0%

Fonte: Mdic/Secex. Elaboração Apex-Brasil.

O valor atribuído às perdas das exportações do Brasil tanto no primeiro semestre de 2009 (-24,5% ou US\$ 22,7 bilhões), quanto especificamente no bimestre maio/junho (-19,8% ou US\$ 6,5 bilhões) e no mês de junho de 2009 (-13,0% ou US\$ 2,1 bilhões), parece sinalizar uma possível recuperação no desempenho das vendas externas do País. Isso porque, no bimestre maio/junho e no mês de junho de 2009, a perda real estimada para as exportações mostrou-se consideravelmente menor do que a perda do primeiro semestre de 2009.

Considerações Finais

A projeção das perdas reais das exportações brasileiras revela que os impactos da crise econômica internacional sobre o comportamento das vendas externas do Brasil no período recente foram distintos, considerando-se os efeitos da primeira e da segunda “fases” da crise. A “primeira fase” da crise econômica, entendida pelos

eventos restritos ao mercado financeiro mundial, aumentou significativamente as exportações brasileiras de modo a gerar uma elevação na tendência das exportações em maio de 2008, quando esta registrou uma mudança positiva de nível. Esse movimento favorável esteve atrelado à valorização no preço internacional das *commodities*, como resposta a desaceleração no preço dos ativos financeiros.

A “segunda fase” da crise econômica mundial, iniciada no segundo semestre de 2008 e intensificada em seus meses finais, caracterizou-se por sua abrangência global e seu aprofundamento, com efeitos negativos sobre o lado real da economia de países desenvolvidos e em desenvolvimento. Em novembro de 2008, as exportações brasileiras reduziram-se significativamente, de modo provocar uma queda brusca no nível do seu movimento tendencial, o que configurou a segunda quebra de nível na tendência.

Esses eventos circunstanciais que marcaram as duas fases da crise econômica mundial foram retirados da análise do desempenho das exportações brasileiras, de modo a torná-la mais precisa. Após esse procedimento, foram projetados novos valores para as vendas externas do País até junho de 2009. Quando comparados aos valores projetados, as exportações brasileiras apresentaram uma queda de 24,5% no primeiro semestre de 2009, o que representou uma perda de mais de **US\$ 22,7 bilhões**. No bimestre maio/junho de 2009, as perdas foram de 19,8% ou **US\$ 6,5 bilhões**, e no mês de junho de 2009, as exportações brasileiras teriam se reduzido em 13,0% em relação ao seu movimento esperado, o que implicou uma perda de **US\$ 2,1 bilhões**.

Computando-se os prejuízos em termos mensais, chega-se a uma medida real das perdas das exportações brasileiras. No primeiro semestre de 2009, o Brasil deixou de exportar, aproximadamente, **US\$ 3,8 bilhões ao mês**. Considerando-se o resultado no bimestre maio/junho, as perdas do valor exportado seriam da ordem de **US\$ 3,25 bilhões por mês**. Já em junho de 2009, a perda real calculada foi de **US\$ 2,1 bilhões**. Tais resultados revelam que as exportações brasileiras se encontram em um movimento de recuperação no período recente, já que as perdas reais diminuem de acordo com as perspectivas semestral, bimestral e mensal; e que se observa um provável retorno do seu movimento de curto prazo aos níveis projetados sem o contexto da crise internacional, de modo a validar sua trajetória tendencial.

ApexBrasil

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



Ministério do
Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior



Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 11
Edifício Apex-Brasil CEP 70.040-020
Brasília – Distrito Federal

Tel: +55 61 3426-0202
Fax: +55 61 3426-0263
apex@apexbrasil.com.br

www.apexbrasil.com.br